

especial 10 anos

# A prática DA LIBERDADE

POR GILBERTO NASCIMENTO

**N**a favela Sítio da Casa Pintada, em São Miguel Paulista, no extremo leste de São Paulo, um grupo de jovens idealistas começou, na segunda metade da década de 1970, a dar aulas de alfabetização por meio do método Paulo Freire. Vindos de grupos de arte e cultura na região e de movimentos de base ligados à Igreja Católica, esses educadores voluntários colocaram em prática as idéias do mestre pernambucano e incentivaram os moradores a questionar sua realidade e buscar melhorias para a área. Hoje, o Sítio da Casa Pintada, com cerca de 1,2 mil moradores, não é mais uma favela e no local há uma sociedade amigos de bairro.

Esse foi o primeiro grupo de alfabetização adepto do método com o qual Paulo Freire teve contato depois que retornou do exílio, em 1979. Na prática, ali, o educador viu o resultado de suas teorias e até reviu conceitos. Os jovens desenvolviam o trabalho na comunidade e se reuniam com o educador uma ou duas vezes por semanas para avaliar a experiência e contornar as dificuldades que encontravam no dia-a-dia.

“Tínhamos uma atuação independente de partidos ou tendências políticas. Fazíamos o trabalho por

**Um grupo de jovens começou um trabalho de alfabetização na periferia de São Paulo nos anos 1970 e teve o privilégio de entrar em contato com Paulo Freire. A partir daí, não somente suas vidas, mas a realidade das pessoas do local adquiriram outra dimensão**

paixão. O *Educação como prática da liberdade* foi o primeiro livro que lemos em conjunto e formamos o grupo de estudo. Depois, o *Pedagogia do Oprimido*, que tornou-se nossa bíblia. Aí, partimos para a ação”, lembra o professor e engenheiro Francisco Eduardo Pereira Filho, 48 anos. Alguns trabalhos do educador o grupo obteve por meio de fotocópias de edições impressas no exterior, pois ainda não existiam em português.

A experiência durou oito anos, de 1976 a 1984. No grupo, havia 12 pessoas, dentre as quais professores, um operário, um ator, um poeta, um jornalista e um economista. Todos na faixa dos 20 anos, a maioria filhos de nordestinos e moradores da região, com idéias de esquerda e sonhos de mudar o mundo. “Era um trabalho ideológico mesmo. A gente achava que ia fazer a revolução e ela passava pela educação”, diz Eduardo. “Foi até uma coisa temerária. A gente entrou de peito aberto na favela. Um dia, um cara queria matar a mãe, e



o Muniç, outro integrante do grupo, teve de agarrar o sujeito com a faca na mão”, conta o professor.

Nas visitas iniciais, quando as pessoas começavam a se conhecer, o grupo, ingenuamente, achava que conseguiria alfabetizar em 45 dias. “Tínhamos essa crença. Só que não éramos profissionais de educação. Não sabíamos das dificuldades concretas que enfrentaríamos”, observa Sueli Kimura, 50 anos, professora de Educação Física. “Nos deparamos com um monte de problemas. Havia uma desarticulação muito grande e a gente aproveitava para organizar os movimentos reivindicatórios. O primeiro passo foi pedir à Sabesp água encanada na área. Para isso, precisava de poste e ruas. As pessoas nem sequer tinham endereço”, revela Sueli.

O grupo montou uma primeira cartilha, com ajuda do próprio Paulo Freire. Tinha 16 palavras e a primeira, claro, era favela. O educador orientava como utilizá-las. O método deu frutos, como se viu. “A gente falava a palavra ‘tijolo’ e o pessoal lembrava que seus barracos eram todos de madeira. Citávamos uma outra palavra, eles lembravam que não tinham água e esgoto. Então, eles começaram a ir atrás de tudo isso”, diz Sueli.

Sem que o assunto fosse colocado na pauta, um dia os moradores começaram um mutirão de limpeza na favela. “Precisávamos de um local para reunião. Havia um amontoado de barracos e as pessoas eram muito individualistas. A partir dali, elas começaram a considerar isso importante. Aconteceram outras

ações que resultaram em bem-estar para todos e isso foi reconhecido”, relembra o arte-educador Cláudio Gomes, 48 anos.

Em meio ao curso, a comunidade se mobilizou para criar um centro comunitário. “Foi a primeira ‘ordem’ do Paulo Freire: ‘você precisam de um local’”, recorda Eduardo. “E como ali, no meio da favela, íamos abrir espaço para o centro comunitário? Não tinha. Então, se pensou na organização da favela, na urbanização. Aí começou tudo. Conseguiu-se mudar a cara da favela”.

*“A gente falava a palavra tijolo e o pessoal lembrava que seus barracos eram todos de madeira. Citávamos uma outra palavra, eles lembravam que não tinham água e esgoto. Então, eles começaram a ir atrás de tudo isso”, diz Sueli*



ARQUIVO INSTITUTO PAULO FREIRE

Os moradores viviam em torno de um córrego e as crianças sofriam com diarreia. Esses problemas passaram a ser debatidos. “Eram muito mais emergentes e necessárias as condições de saúde no local. A primeira intervenção foi mudar uma viela e alterar as palafitas de lugar. Mudamos 32 barracos e ganhamos espaço. Isso se fez com trabalho de educação”, relata Cláudio Gomes.

O grupo também introduziu a matemática no dia-a-dia dos moradores. “Eles tinham a sua maneira própria de fazer contas. Aí, começamos a calcular o salário deles, levantar os gastos com aluguel, condução etc. Foi trágico o desfecho. Teve um homem que quando teve a consciência do valor de seu salário, quis ir na porta da fábrica e dar tiros. Ele sabia quanto ganhava, mas não quanto gastava”, afirma Sueli.

## Palavra-chave

No método Paulo Freire, há a identificação de palavras-chaves e o educador efetivamente se mete na vida das pessoas. “Lembro-me que um morador não conseguia definir o que era favela. Ele dizia que era não poder pagar aluguel. Não tinha idéia de conceito. E se a pessoa não consegue nem conceituar, como iríamos trabalhar com alfabetização? Então, quando fomos conversar com o Paulo Freire, nos primeiros encontros, já tínhamos quatro anos dessa vivência e experiência com a comunidade. Lembro-me de ouvi-lo dizer: ‘tenho muito que aprender com vocês’”, ressalta Eduardo.

Na casa do educador, nas proximidades da PUC-SP, no bairro de Perdizes, na zona Oeste, o grupo se reunia sempre às quartas-feiras à noite. Vários dos voluntários saíam da distante São Miguel Paulista, zona Leste e viajavam até lá de ônibus, durante mais de uma hora e meia.

Além do privilégio de ter Paulo Freire como monitor, no entanto, dona Elza, pedagoga e primeira mulher do educador (falecida em 1986), recebia sempre os jovens com sopa de feijão e macarrão. “A gente vinha de longe e tinha fome. Não dava para raciocinar de barriga vazia”, confidencia Cláudio. Noite adentro, Paulo Freire muitas vezes se entusiasmava com as conversas, as histórias do seu Nordeste querido e dos seus tempos de exílio. Dona Elza precisava interrompê-lo: “Paulo, os meninos têm que ir embora”, dizia.

Na medida em que o projeto de alfabetização se consolidava, a supervisão de Paulo Freire se tornava mais freqüente. Às vezes, o educador e os jovens se reuniam aos sábados, o dia inteiro. Costumavam aparecer por lá o sociólogo Francisco Weffort, ex-ministro da Cultura no governo Fernando Henrique Cardoso, e sua mulher na época, Madalena Freire, educadora e filha

de Paulo. “Lembro-me de ouvir o Paulo Freire dizer: ‘lá vem o meu genro, esse incendiário carbonário’. Ele falava isso do Weffort...(risos)”, diverte-se Eduardo.

O grupo era um tanto ortodoxo. Não fugia a uma letra dõ que estava escrito em livros como *Educação como prática da liberdade*. O educador chegou a criticar essa postura. “Ele falou: ‘se vocês continuarem assim, vão ficar mudos. Vocês querem aprender, mas têm que ensinar também. Têm coisas que vocês sabem e terão que repassar’. Mas eu ressaltei: ‘professor, isso não está no teu livro’. E ele respondeu: ‘eu sei, mas isso é uma crítica que eu mesmo faço ao que eu escrevi’”, cita o engenheiro e professor. “Isso era importante para não cair no imobilismo. Era uma crítica que alguns faziam e ele queria mostrar, com o nosso exemplo, que isso não acontecia. Tem de respeitar a autonomia, mas tem o momento da sua inserção”.

Paulo Freire falava aos jovens sobre a importância de alfabetizar, mas também de fazer daquela experiência algo aberto para que as pessoas pudessem se localizar e se entender. “Era para que a gente entendesse qual era o jogo daquela comunidade. Ele dizia: ‘se tiver que jogar futebol no campinho da molecada, vá jogar’”, explica Cláudio.

## Aprendizado

Depois da construção do centro comunitário na favela, o grupo avaliou que boa parte dos objetivos propostos já havia sido alcançada. “O Paulo Freire, então, disse para a gente: ‘vocês não precisam mais de treinamento e capacitação. O que vocês fizeram, ninguém fez em lugar nenhum. Agora é só contratar um professor para resolver o problema’. E ressaltou que o que nós fazíamos não tinha preço”, orgulha-se Eduardo.

Paulo Freire também deixou claro que, a partir dali, quem deveria

se encarregar da alfabetização era o Estado, com programas educacionais. “Constatamos que grupos independentes e autônomos não conseguiriam fazer grandes mudanças na questão da alfabetização e da educação popular”, observa o arte-educador Cláudio. “O papel dos grupos sociais é o da formação da consciência cidadã, de mostrar os direitos e uma forma de mudar a sociedade”, completa Sueli.

Tudo o que se aprendeu ali, os integrantes do grupo utilizam no seu trabalho. Dirigente de uma ONG que atua na área de educação em Itapevi, na Grande São Paulo, Eduardo hoje sugere aos seus educadores que fotogra-

*“A gente volta depois e vê que a família mudou. No começo, tem janela quebrada, tem lixo. Depois, não. A pessoa ver a foto na sua frente e fazer a reflexão sobre sua vida é muito importante”*

fem as residências das pessoas atendidas em projetos. “A gente volta depois e vê que a família mudou. No começo, tem janela quebrada, tem lixo. Depois, não. Ao ver a foto na sua frente, a pessoa faz a reflexão sobre sua vida é muito importante”, argumenta o engenheiro.

Eduardo, Sueli e Cláudio consideram fundamental na formação e experiência de vida o aprendizado e a convivência com Paulo Freire. “Percebo isso nos pequenos detalhes de tudo o que estou fazendo. Poder dizer que tivemos treinamento e capacitação com o professor Paulo Freire é uma coisa da qual não se tem dimensão. Temos muito a agradecer por isso”, comemora Eduardo, que o considera seu “pai da alma”. **F**